



PROBEM AVANÇADO
Aula 13 – 25-08-2025
Adalgiza Cavarzam

ESTUDO DO LIVRO “AÇÃO E REAÇÃO”

capitulo 12 – Dívida agravada

André Luiz/Chico Xavier



No capítulo anterior.....

- O Templo e o Parlatório:

André e Hilário falam com Druso para continuarem os estudos afim de observarem a Lei da compensação em outras áreas

Druzio explica aos dois que:

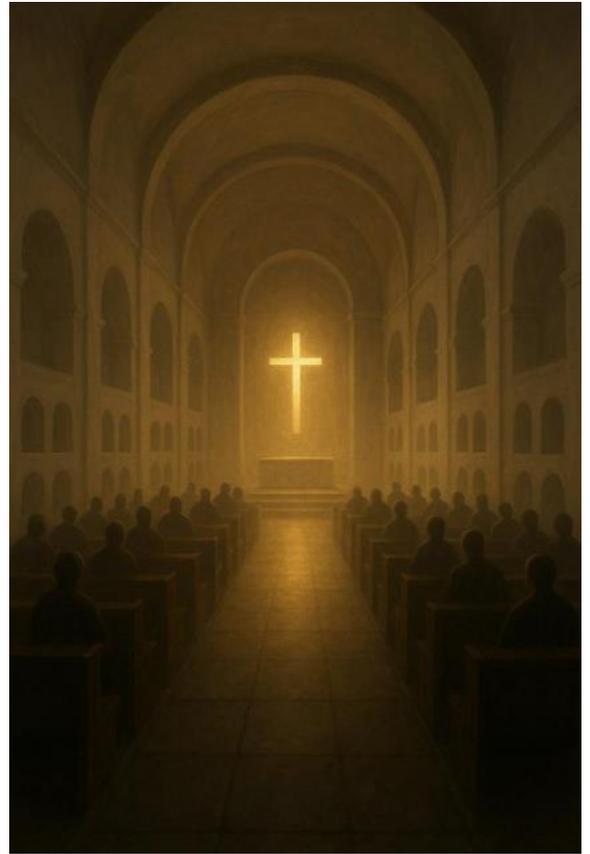
O umbral está cheio de “contas vencidas”. Ali, os avarentos sofrem as dores mais duras, os criminosos enfrentam o remorso e os delinquentes ficam presos nas trevas que eles mesmos criaram. Muitos não têm coragem de colher os frutos amargos que plantaram, e acabam se revoltando contra o próprio sofrimento, e isso faz com que eles afundem ainda mais em desespero... Ao redor da Mansão que é uma casa de recuperação, quase tudo é conflito e escuridão, como um campo incendiado que precisa suportar o fogo e a fumaça que ele mesmo provocou. O que acontece na vida na Terra é decisivo, porque define se cada um vai criar o seu céu ou seu inferno pessoal.

Ou seja: na vida física, a existência é como uma planta: ela nasce, cresce, floresce e dá frutos. A morte é a grande colheita.

FORAM VISITAR O TEMPLO

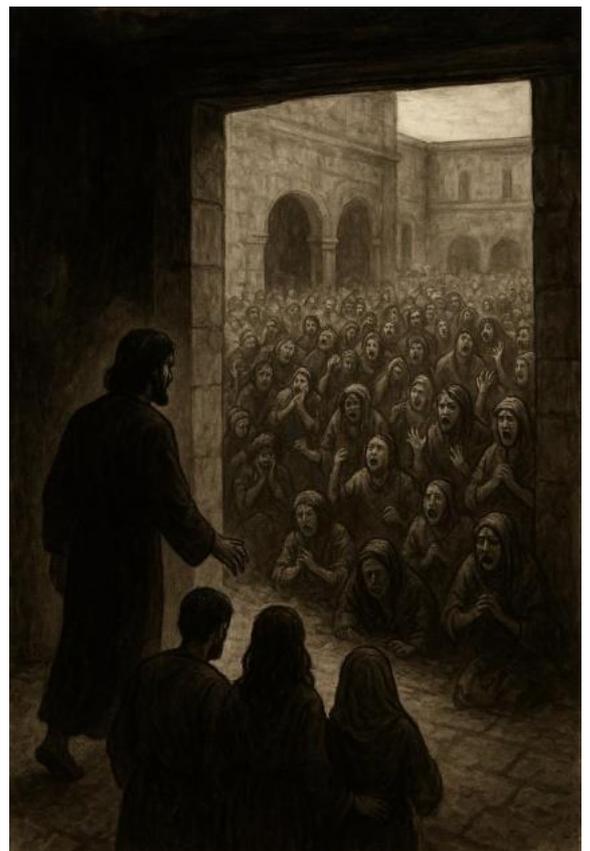
Aprenderam ali sobre o poder e a diversidade das orações, e que o pensamento forma imagens.

Aqui estão os espíritos mais equilibrados que já conseguem orar



SAÍRAM PARA O PARLATÓRIO

Eles observaram que no parlatório se reúnem espíritos sinceros, mas que ainda estão em profundo desespero, e essa situação impede uma oração mais pacífica.



CONTINUANDO...

- Silas, André e Hilário desceram a escadaria do Templo para observarem melhor.

Enquanto alguns trabalhadores do posto espiritual passavam apressados, claramente com a intenção de prestar auxílio, Silas desceu a escadaria do templo junto com eles e começou a explicar que;

— Muitos colaboradores aproveitam esse horário para o culto espontâneo do amor fraterno. Ali, naquele espaço, eles escutam os aflitos e desesperados. Sempre que possível, oferecem consolo e um pouco de alívio, não apenas convidando-os à serenidade e ao entendimento, mas também acompanhando-os até regiões mais sombrias ou até a esfera dos encarnados, quando é necessário ajudar nos vínculos afetivos que ainda os perturbam.

Nesse momento, o grupo entrou em contato mais direto com a multidão barulhenta que se aglomerava. A visão, já adaptada à sombra ambiente, permitia distinguir melhor aquelas figuras estranhas e dolorosas que os cercavam em agonia.

Eram mulheres de rosto endurecido pela miséria e homens de expressão marcada pelo ódio e pela angústia. Era quase impossível avaliar a idade que teriam na Terra, pois o sofrimento havia transformado todos em espectros de amargura, muito semelhantes entre si. Muitos exibiam mãos retorcidas, como garras ressecadas, e quase todos tinham nos olhos um brilho perturbador — misto de medo e fúria — revelando mentes que haviam descido ao abismo da loucura.

As preces emocionadas de alguns se misturavam a gritos de revolta, criando um cenário tenso diante das portas abertas do santuário sereno. Diante disso, impressionados e entristecidos, eles perguntaram ao Assistente por que aquela multidão não se abrigava dentro do templo acolhedor, que naquele instante estava quase vazio.

- Por que essa multidão não estava abrigada dentro do Templo?



Silas, mostrando a entrada do edifício que haviam acabado de deixar, fixou o olhar na portaria radiante que, no meio da penumbra, parecia um túnel aberto para a luz, e explicou que ele tinha razão em pensar dessa forma. Mas só conseguem entrar naquele recinto sagrado aqueles que conseguem suportar a claridade com o devido respeito. A maioria dos que se reuniam naquela praça carrega mutilações causadas pela própria perversidade ou traz consigo sentimentos ferozes que nem mesmo as preces emocionadas conseguem disfarçar. E Com disposições assim, não suportariam o impacto da luz intensa, formada por fótons especiais, ajustados numa frequência específica para proteger a harmonia da casa.

Ele fez uma breve pausa e continuou dizendo que Muitos dos que estavam ali gritam que desejam os benefícios da prece dentro do santuário, mas, no fundo, alimentam sarcasmo e revolta, desejando zombar do nome do Pai. Para que não perturbem a atmosfera sagrada, os orientadores recomendam que a luz permaneça regulada, funcionando como filtro contra distúrbios e danos que podem ser facilmente evitados.



Hilário ficou surpreso e fez o seguinte comentário:

— Então isso significa que apenas a sincera humildade da alma consegue se alinhar com as forças eletromagnéticas que sustentam o templo...

E Silas confirmando falou: — Nossa instituição está de braços abertos para acolher sofrimento e prova, mas não a rebeldia e o desespero. Do contrário, seria arruinada e desacreditada na região atormentada em que se encontra.

Nesse ponto da conversa, dezenas de braços mirrados se estenderam em súplica, pedindo socorro. Silas os observava com compaixão, mas não parou. Até que, de repente, uma mulher surgiu à frente deles, ofegante, e clamou com desespero:

— Assistente Silas! Assistente Silas!...

Ele a reconheceu de imediato. Interrompeu os passos, estendeu-lhe a mão amiga e perguntou com ternura:

— Luísa, o que aconteceu?

Nos olhos dos dois misturavam-se curiosidade e angústia. A mulher desencarnada, tomada de dor, gritou sem rodeios:

— Socorro!... Socorro!... Minha filha, minha pobre Marina, está à beirado colapso!... Tenho lutado com todas as minhas forças para afastá-la do suicídio, mas agora estou enfraquecida e não consigo mais!...

Os soluços sufocaram sua voz.

Silas pediu em tom firme que ela falasse o que estava acontecendo, como se precisasse afastar de si o peso emocional daquele apelo para manter a clareza necessária diante da situação.



A infeliz caiu de joelhos, ergueu os olhos marejados e implorou:

— Assistente, me perdoe insistir com meu drama..., mas sou mãe! Minha filha desventurada pretende se matar ainda esta noite, afundando-se ainda mais nas trevas da própria consciência!...

Silas, sereno, aconselhou que ela retornasse ao lar terreno, como fosse possível. Em seguida, deu as mãos ao grupo e, juntos, iniciaram uma viagem rápida em direção ao socorro que deveriam prestar. Durante o trajeto, ele explicou:

— Essa companheira é ligada à nossa Mansão. Reencarnou há quase trinta anos, amparada por nós. Vamos prestar-lhe o auxílio necessário. Ao mesmo tempo, vocês terão a chance de observar de perto um caso de dívida agravada.

Percebendo que Silas havia se calado, Hilário comentou:

— É impressionante ver quantas mulheres se dedicam à oração e ao auxílio nessas regiões...

Silas, visivelmente preocupado, tentou forçar um sorriso que nem chegou a se formar nos lábios, e respondeu:

- Essa é uma grande verdade, são raras esposas ou mães que chegam a regiões felizes sem carregar consigo os afetos que cultivaram no coração.

O amor feminino é uma das forças mais admiráveis da Criação divina.



Não houve tempo para mais reflexões. O grupo já se encontrava no plano físico, diante de uma pequena casa, simples, formada por três cômodos estreitos e sem adornos. O relógio marcava alguns minutos depois da meia-noite.

Ao lado de Silas, eles entraram no humilde lar. Sua presença bastou para afastar várias entidades sombrias que rondavam o ambiente com clara intenção de perturbar. Em seguida, adentraram um quarto modesto. A cena que se revelava era desoladora.

Uma jovem mulher, exausta e em profundo sofrimento, estava de joelhos, agarrada à filha pequena, que choramingava de dois a três anos de idade. O olhar esgazeado da criança, já marcado por sofrimento desde o nascimento, revelava sinais de fragilidade irreversível. Ainda assim, pela expressão tensa de Silas, ficava claro que o caso mais urgente ali era o da mãe.

A pobre mulher beijava a menina com desespero, demonstrando a angústia de quem acredita estar prestes a se despedir para sempre. Logo depois, com um gesto rápido, tomou em mãos um copo que continha um líquido tóxico. Antes que pudesse levá-lo à boca febril, ouviu, em sua mente, a voz firme de Silas dizendo:

— Como podes pensar em buscar a sombra da morte sem a luz da oração?

Na verdade, ela não escutou com os ouvidos do corpo, mas a frase atravessou sua mente como um raio. Seus olhos brilharam por um instante, e a mão que segurava o copo começou a tremer, indecisa.

O Silas abriu os braços e a envolveu com uma onda de ternura e compaixão, transmitindo fluidos de alívio e anestesia. A jovem — Marina, a filha pela qual a mãe desencarnada suplicara socorro — foi tomada por novos pensamentos. Colocou o copo de volta no lugar e, sob a influência de Silas, ergueu-se automaticamente e deitou-se no leito, começando a orar em voz alta:

— Deus meu, Pai de Infinita Bondade, tem compaixão de mim e perdoa meu fracasso! Não aguento mais... Sem mim, meu marido ficará mais tranquilo no leprosário, e minha filha encontrará corações generosos que cuidem dela... Não tenho mais forças... Estou doente, sufocada pelas dívidas, obrigada a costurar sem descanso, enquanto meu marido e minha filha exigem de mim cuidados e ternura...

Enquanto ela falava entre lágrimas, Silas aplicava passes magnéticos, conduzindo-a a um estado de exaustão. Então, induziu-lhe um gesto impensado: com um movimento brusco, Marina derrubou o copo, que caiu no chão, espalhando o líquido venenoso.

Desesperada, chorava copiosamente:

— Ó Senhor, compadece-te de mim!...

Ao perceber que o próprio gesto havia impedido o suicídio, como se uma força estranha a tivesse detido, Marina passou a orar em silêncio, agora dominada pelo remorso e pelo medo. Essa mudança interior, que a tornava mais receptiva, foi aproveitada por Silas, que nesse momento a conduziu suavemente ao sono reparador.

Ele projetou uma intensa onda de energia fluídica sobre o cérebro dela. Sem compreender o motivo do torpor que invadia seus nervos, Marina adormeceu profundamente, como se tivesse ingerido um narcótico poderoso.

- **A história de Marina, Jorge e Zilda**
- **Intercessão da espiritualidade e uma nova oportunidade.**

DÍVIDA AGRAVADA!!

Silas interrompeu a tarefa de socorro por alguns instantes e, com bondade no olhar, explicou ao grupo:

— Estamos diante de um grave caso de dívida agravada.

Apontando para a jovem mãe agora adormecida e exausta, prosseguiu:

— Marina veio de nossa Mansão com a missão de auxiliar Jorge e Zilda, pessoas diante das quais ela tinha sérias pendências espirituais. No século passado, quando eles eram recém-casados, ela se interpôs entre os dois,

arrastando-os a atitudes levianas que acabaram levando-os a dolorosa demência no plano espiritual.

Silas fez uma breve pausa e continuou a narrativa, com voz firme:

— Depois de muito sofrimento e desajustes, a Misericórdia Divina permitiu que amigos intercedessem junto às esferas superiores. Foi então que os três renasceram no mesmo ambiente social, com a chance de reparar os erros do passado. Marina, como primogênita no lar de nossa irmã Luísa, recebeu a incumbência de proteger a irmã mais nova, Zilda, dispensando-lhe carinho e apoio. E assim ocorreu durante a infância e juventude.

O Assistente respirou fundo e prosseguiu:

— Mas, quando já adultas, aconteceu o reencontro. Zilda voltou a cruzar o caminho de Jorge, e, conforme o plano estabelecido antes da reencarnação, ambos retomaram, quase instintivamente, os elos afetivos de outrora. Apaixonaram-se e logo estavam noivos. Marina, porém, não honrou o compromisso espiritual que havia assumido: o de aceitar em silêncio e renúncia aquele mesmo homem, ajudando a irmã, que um dia fora sua rival, a superar as provações necessárias. Em vez disso, tomada por uma paixão devastadora, começou a alimentar pensamentos sombrios.

Nesse momento, Ele baixou um pouco a voz, como quem não queria pesar demais sobre a jovem caída:

— Ignorando os apelos da própria consciência, Marina começou a envolver o noivo da irmã em uma teia de seduções. E, sem perceber, atraiu para seus desejos doentios a influência de espíritos perturbados e doentes. Com esse apoio invisível (dos vampiros desencarnados), passou a exercer sobre Jorge uma espécie de hipnose inconsciente. Dominado por forças que não compreendia, ele viu o afeto por Zilda ser substituído, pouco a pouco, por um sentimento irresistível por Marina.

Acessa altura, O grupo ouvia em silêncio, impressionado.

— Em poucos meses — prosseguiu Silas — os dois se envolviam em encontros secretos, vivendo intimidades que os comprometiam cada vez mais. Zilda, atenta, percebeu a mudança no comportamento do noivo, mas

preferiu acreditar que fosse apenas cansaço do trabalho ou dificuldades familiares. Contudo, a ilusão durou pouco. Faltando apenas duas semanas para o casamento, ela se surpreende com a confissão de Jorge, que atormentado, lhe revela a dor que corrói seu íntimo e lhe diz a verdade. Disse que continuava a respeitá-la e a estimá-la, mas que só via em Marina a companheira ideal para sua vida.

Silas fez uma pausa mais longa, antes de concluir:

— Imaginem o golpe para a pobre Zilda. Ela sufocou a dor sem revolta aparente, mas, dominada pela desesperança, naquela mesma noite ingeriu veneno e abandonou o corpo físico. Desencarnou sob forte perturbação e foi acolhida por sua mãe, nossa irmã Luísa, que já se encontrava no plano espiritual, amparada em nossa Mansão pelos méritos do amor materno.

O Assistente deixou escapar um suspiro de compaixão:

— Luísa rogou aos mais elevados benfeitores que amparassem as duas filhas. Aos seus olhos de mãe, Marina, a que traiu, era ainda mais infeliz do que Zilda, a que foi traída. Pois, embora esta última houvesse contraído o grave débito do suicídio, sua falta foi atenuada pela alienação mental que o abandono injustificável lhe causou.

O caso foi analisado com atenção pelo Ministro Sânzio, que todos conheciam pessoalmente. Ele decidiu que **Marina deveria ser considerada devedora em conta agravada por responsabilidade dela mesma**. Logo após, providenciou para que Zilda fosse levada de volta ao lar, onde poderia receber os cuidados de que tanto precisava.

Marina havia falhado na prova de renúncia em favor da irmã, que antes fora tão generosa com ela. Ainda assim, acabou condenando-se ao sacrifício ao receber essa mesma irmã como filha, agora em uma condição de extrema dor, mas também de intenso afeto.

E foi assim que Jorge e Marina, livres das antigas amarras, casaram-se e viveram o amor que tanto desejavam. Dois anos depois, receberam Zilda em um berço enfeitado de rendas, agora reencarnada como sua filha

querida. Mas logo nos primeiros meses perceberam a difícil realidade: a menina, que passou a ser chamada de Nilda, nascera surda, muda e com limitações mentais, resultado do trauma espiritual vivido em sua morte anterior, quando havia se envenenado. Presa a recordações sufocantes do passado recente, a criança chorava quase o tempo todo. E quanto mais sofria, mais amor recebia dos pais, que a cercavam de cuidados e compaixão.

A vida seguia dentro do possível, marcada pelos desafios naturais da jornada, até que Jorge foi levado para um leprosário, onde passou a receber tratamento. Desde então, entre o marido doente e a filha em sofrimento, Marina, já sobrecarregada pelo peso do passado, mergulhou em abatimento profundo, atormentada também pela tentação do suicídio.

O Assistente silenciou. André e Hilário, que acompanhavam tudo, estavam comovidos e impressionados. Era um problema humano doloroso, mas que trazia em si grande lição de Justiça Divina.

Silas, acariciando a jovem prostrada, disse com firmeza e ternura:
— O Senhor nos ajudará para que ela se recupere e reencontre forças.

Nesse momento, a irmã Luísa entrou no recinto, dividida entre ansiedade e tristeza. Depois de se inteirar de tudo, agradeceu, enxugando as lágrimas. Silas, comprometido em levar o socorro até o fim, aplicou novos recursos magnéticos na mãezinha enfraquecida. Então, todos presenciaram uma cena inesquecível.



Marina, em espírito, desprende-se do corpo e olhou para eles com o olhar vazio e perdido. O orientador, no entanto, como quem desperta os sentidos adormecidos, tocou-lhe os olhos com as mãos cheias de luz. E, de repente,

como um cego que volta a enxergar, Marina pôde ver sua mãe estendendo-lhe os braços, cheios de carinho.

Com lágrimas nos olhos, ela correu para o colo materno, exclamando em êxtase:

— Mãe! Minha mãe!... É você mesmo?

Luísa a acolheu docemente, como quem recebe uma criança doente, e, emocionada, respondeu:

— Sim, filha querida, sou eu... Vamos agradecer a Deus por este momento de reencontro.

Beijando-a com ternura, mas também aflita, continuou:

— Por que esse desânimo, se a luta só está começando? Será que você não percebe que a dor é nossa guardiã do céu? O que seria de nós sem ela, que nos ajuda a sentir e a pensar no bem? Alegria-se, filha, na luta que nos fortalece e nos salva para a obra de Deus.

Luísa a exortava com firmeza:

— Não transforme o amor em tormento para você mesma. Nem pense que conseguirá aliviar seu marido e sua filha fugindo pela porta do suicídio. Lembre-se de que o Senhor transforma até o veneno dos nossos erros em remédio para curar as nossas culpas. A doença de Jorge e a provação de Nilda são caminhos de elevação não só para eles, mas também para você, que partilha da mesma experiência redentora.

Com voz firme, mas carregada de ternura, acrescentou:

— Aprende a sofrer com humildade, para que sua dor não seja apenas orgulho ferido. Onde ficou sua coragem de mulher? Onde está a dedicação de mãe? Você se esqueceu da oração que o lar lhe ensinou? Enganou-se ao acreditar que fugir da vida fosse sinal de força. Ainda há tempo! Levante-se, desperte, lute e viva! Viva para resgatar sua dignidade, manchada pela traição. Recorde a irmãzinha que partiu sofrendo sob o peso da dor que você lhe causou, e pague, com cuidado e sacrifício, ao lado da filha enferma, a conta que deve à Justiça Divina.

E concluiu, abraçando-a com mais força:

— Trabalhe e sirva, confie em Jesus. O Divino Médico trará de volta a saúde

de Jorge, e juntos vocês poderão conduzir Nilda ao caminho da restauração. Você não está sozinha nas noites de vigília e tristeza. Eu compartilho dos mesmos sonhos, das mesmas lutas. Para as mães que sofrem, qual paraíso maior pode haver depois da morte senão estar perto dos filhos amados, mesmo que eles tragam longos dias de aflição? Compadeça-se de mim, sua mãe, que também sofre, mas que nunca deixará de amar você...

Luísa não conseguiu prosseguir. O choro convulsivo lhe abafava a voz. Diante dela, Marina ajoelhou-se, banhada em lágrimas, beijando-lhe as mãos com desespero:

— Mãe querida, perdoa-me!... perdoa-me!...

A mãe a ergueu com esforço, revelando naqueles gestos toda a grandeza das mães que, mesmo depois da morte, continuam presas aos filhos pelos laços do amor. Conduziu-a, ainda cambaleante, até a filha enferma. Acariciando a testa da pequena, encharcada de suor, murmurou com humildade e firmeza:

— Filha, não busques a falsa saída da fuga... Vive por sua filha, assim como o Senhor permite que eu continue vivendo por você.

As palavras tocaram fundo em Marina. Tomada de emoção renovada, se inclinou sobre a menina sofrida. Mas, como se a intensidade daquele instante lhe puxasse de volta, foi atraída repentinamente ao corpo físico, como ferro imantado. Em seguida, abriu os olhos no leito, chorando convulsivamente e repetindo em gritos inconscientes:

— Minha filha!... minha filha!...

O Assistente, respeitoso, despediu-se de Luísa e comentou em voz serena:

— Louvado seja Deus. Nossa Marina renasce transformada.

O grupo deixou o quarto em silêncio. Do lado de fora, o céu já se iluminava: nuvens distantes se tingiam dos tons púrpura da aurora. De coração cheio de esperança e gratidão, André refletiu sobre a Infinita Bondade de Deus, que sempre faz surgir, após cada noite, a bênção de um novo dia.

